

Vias do sagrado na modernidade: a “vida simbólica” em *Demian*

Fabiola Mendes Alves¹ (IC)*; Marcelo G.C. Brito (PQ); Marcelo R. Reis (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa

O historiador das religiões Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano*, defende que nem mesmo o amplo movimento de dessacralização do mundo em curso no ocidente nos últimos três séculos impediu que o sagrado mantivesse sua efetividade. Tendo em vista essa argumentação, a pesquisa aqui apresentada analisou a obra *Demian* (1919), do escritor suíço Hermann Hesse. Em *Demian*, por meio das tramas que envolvem seus dois protagonistas, Hesse parece materializar em enredo a chamada “vida simbólica” proposta pela Psicologia Analítica junguiana naquele mesmo período. A vida simbólica junguiana, pautada pelo trabalho da subjetividade com os símbolos que surgem do inconsciente, aqui é entendida como uma das formas assumidas pelo sagrado numa época que tinha, como discurso autorizado sobre o real, o saber científico.

Palavras-chave: Demian. Herman Hesse. Carl Jung. Vida simbólica. Sagrado.

Introdução

O historiador das religiões Mircea Eliade chamava a atenção para o fato de que, mesmo com o amplo movimento de dessacralização do mundo em curso no ocidente, especialmente a partir de meados do século XVIII com o Iluminismo, o sagrado encontrou formas de manter sua efetividade². Efetividade não apenas no que sobrevive das religiões tradicionais (*mythos*) em tempos de hegemonia da razão (*logos*) como *episteme* válida³, mas efetividade também ao assumir novas formas, contemporâneas, adequando-se ao saber científico num momento em que este é o discurso autorizado para o conhecimento sobre o real⁴.

A partir desse entendimento, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra literária *Demian*, do escritor suíço Hermann Hesse, publicada em 1919. Nessa análise, confirmou-se a hipótese de que, em *Demian*, a experiência do narrador Sin Clair, da sua infância à fase adulta, ilustrava, como um modelo exemplar, a chamada “vida simbólica”, experiência direta dos símbolos naturais originados no inconsciente a partir de técnicas psicológicas desenvolvidas pela Psicologia Analítica junguiana naquele mesmo período. *Demian* era assim, a partir dessa perspectiva,

¹ Fabiolamendes937@gmail.com

² Cf. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.165-166.

³ “A racionalização de toda prática da vida é o meio de o Iluminismo atingir seu objetivo principal, qual seja, a entronização do sujeito racional e autônomo.” In KREIMENDAHL, Lothar. *Filósofos do século XVIII*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p.30.

⁴ Cf. sobre conceito de discurso autorizado BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Ed. USP, 1998.

uma expressão literária que dava corpo para uma das formas contemporâneas de como o sagrado ainda se faz sentir, experiência possível à subjetividade a partir de técnicas desenvolvidas pela ciência psicológica.

Material e Métodos

A pesquisa realizada tem como uma de suas características principais a interdisciplinaridade, compartilhando com Edgar Morin a idéia de que o saber sobre o humano deve pautar-se menos na especialização e mais nas redes de conexões que marcam uma abordagem complexa⁵. Para realizar-se, transitou entre fronteiras da História, da Literatura e da Psicologia.

No campo da História, foram apoio os conceitos de representação e narrativa como trabalhados na História Cultural. Assim, até que ponto, na luta entre representações para definir o real⁶, Hesse e a “vida simbólica” em *Demian* se colocam como uma contra-narrativa ao seu tempo, período marcado pela racionalização do mundo? Essa é uma questão que orientou a pesquisa como um todo.

No trabalho com a fonte principal, a obra literária *Demian*, procurei dialogar com a crítica literária em busca de abordagens para tratar da narrativa estudada⁷, para poder abordar os elementos que a constituem internamente. Com isso, foi possível analisar a obra e também localizar melhor *Demian* e seu conteúdo no contexto histórico em que surgiu.

Por fim, foi preciso dialogar também com a Psicologia Analítica junguiana, especialmente para compreender sua idéia de “vida simbólica”, para examinar a hipótese de que em *Demian* a dimensão simbólica é fundamental nas relações entre os protagonistas e o caminho para que o narrador, Sin Clair, se aproxime do encontro consigo mesmo e com seu destino.

Resultados e Discussão

⁵ Conferir MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

⁶ Conferir CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

⁷ Conferir REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988 e TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectivas, 2011.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *Demian*, do escritor suíço Hermann Hesse, publicada em 1919. Hesse, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1946, publicou diversas obras em que a temática do sagrado está presente, seja na busca pela sabedoria como também na integridade do sujeito acima das demandas sociais. E *Demian* teve um papel decisivo na abordagem do sagrado por essas vias, como apontam alguns críticos.

De acordo com o crítico literário Ivo Barroso, que traduziu a obra para o português e faz o prefácio da edição brasileira, *Demian* representou o marco de uma guinada na trajetória de Hesse: “o arranque representado por Demian é, entretanto, mais significativo se se tem em conta seu valor de quebra-diques na própria contenção formal e emotiva da obra de Hesse.”⁸ Segundo Barroso, até então, os escritos de Hesse “...estratificam o burilar correto e neorromântico de um mestre-escola provinciano, (...) onde o olhar se coloca numa posição alpina, de contemplação para baixo, paisagística.”⁹ Mas com *Demian*, diz o crítico, o enfoque se modifica:

A contemplação se volta para si mesma e vai buscar no interior do próprio personagem a visão multilatuludinal do mundo; a perspectiva se intromete na própria vivência autobiográfica e o autor ousa ser ele e proclamar sua mensagem. Esse novo elemento até então ausente da obra literária de Hesse transforma por completo sua essência: de estilista requintado, mas restrito, se torna um dos valores mais originais e profundamente humanos da literatura alemã da primeira metade do século¹⁰.

Demian é uma ficção, com traços autobiográficos, em que o jovem Sin Clair narra acontecimentos de sua vida entre a infância e o início da idade adulta. O livro se encerra com uma guerra de grandes proporções, evento inspirado na Primeira Guerra Mundial, recém-encerrada na época de lançamento do livro. Mas até mesmo a própria guerra, com toda carga emocional que envolve, aparece pequena, quase um detalhe, frente à experiência viva dos símbolos que emergiam da vida interior do protagonista. O mundo exterior e seus acontecimentos perdem a centralidade nessa narrativa, são experiências secundárias diante das imagens arrebatadoras que o narrador descobre no seu interior. Na epígrafe do livro, somos apresentados à ação central que movimenta todo o enredo. Diz o narrador: “Queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Por que isso me era tão difícil?”¹¹

⁸ BARROSO, Ivo. *Prefácio* in HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

⁹ Ibid.

¹⁰ BARROSO, op.cit.

¹¹ HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Sin Clair conheceu Max Demian no colégio. Demian era filho de uma viúva com posses, há pouco tempo na cidade. Logo Sin Clair sentiu-se atraído pelo rapaz, que tinha uma forma de se portar que o distinguia dos demais. No primeiro contato, Max Demian aproveitou o assunto da aula que tiveram sobre História das Religiões e ofereceu uma explicação totalmente heterodoxa de Cain, que de assassino amaldiçoado por Deus por ter matado o irmão passou a ser alguém que carrega uma marca que o distingue dos demais pela sua coragem, por aceitar entregar-se plenamente às demandas do seu destino. Naturalmente a interpretação chocou o menino Sin Clair, ainda com 11 anos, mas o tema passou a ser constante em seus pensamentos.

A relação entre os dois se estreita, e Demian consegue ajudar Sin Clair a se livrar de Kromer, um adolescente que ameaçava o narrador por tê-lo flagrado cometendo o roubo de um pomar numa residência particular depois de uma armação. As ameaças de Kromer adoeceram Sin Clair, mas com a ajuda de Demian tudo se resolveu.

Ao fim do período escolar fundamental, Sin Clair mudou-se para outra cidade, onde mergulhou na sua solidão. O caminho apazível da volta ao lar, ao ninho cálido dos pais já não era mais possível. O narrador então se junta a outros estudantes e entrega-se à bebida. Sua vida havia se transformado em um caos. Contraíra dívidas, tinha a antipatia de professores e diretores da escola e apenas aguardava o momento em que seria expulso e mandado para um reformatório. Nesse cenário de dissipação, no entanto, Sin Clair desperta para a vida simbólica, encontra um novo símbolo capaz de convertê-lo e conduzir sua vida para outra direção.

O poder dos símbolos sobre a subjetividade é objeto privilegiado na Psicologia Analítica, abordagem psicológica formulada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung nos anos 1920. Jung, que por 6 anos fora colaborador de Sigmund Freud, após o rompimento com o pai da psicanálise experimentou um período de grande desorientação, conseguindo, no entanto, emergir do caos interior onde se encontrava e de lá ressurgiu com as bases teóricas da sua nova abordagem psicológica. Fazem parte de sua psicologia conceitos hoje bastante conhecidos como Introversão, Extroversão, os Tipos Psicológicos, e claro, os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, território onde o simbólico adquire maior importância.

Na sua abordagem, Jung destaca a importância do símbolo no funcionamento psíquico do indivíduo:

No oriente, grande parte da terapia prática se constrói sobre o princípio de elevar o caso pessoal a uma situação geral válida. A medicina grega também trabalhava com o mesmo método. É evidente que a imagem coletiva ou sua aplicação deve estar de acordo com a situação particular do paciente. O mito ou lenda emergem do material arquetípico que está constelado pela doença, e o efeito psicológico consiste em conectar o paciente com o sentido geral de sua situação. (...) Se o doente percebe que o problema não é apenas seu, mas sim um mal geral, até mesmo o sofrimento de um deus, aí então reencontrará seu lugar entre os homens e a companhia dos deuses; e só de saber disso, o alívio já surge. (...) Quando se mostrava a um antigo egípcio [picado por uma cobra] que ele estava passando pelas mesmas provações que Rá, o deus-Sol, [ele] era imediatamente equiparado ao faraó, que era o filho e o representante dos deuses; e assim o homem comum também participava da divindade. Isto provocava tal libertação de energia que se torna perfeitamente compreensível por que a dor diminuía. Em determinados estados de espírito as pessoas podem suportar muitas coisas. Os primitivos caminham sobre brasas e se infligem os maiores castigos, sob certas circunstâncias, sem sentirem dor. E é bem provável que um símbolo adequado e impressionante possa mobilizar as forças do inconsciente a tal ponto que até o sistema nervoso seja afetado, levando o corpo a reagir de maneira normal novamente¹².

No momento de maior desespero, de completa desintegração da personalidade no caos de uma experiência dionisíaca compulsiva, Sin Clair encontrou um “símbolo adequado e impressionante” que foi capaz de redimi-lo. Este símbolo ele chamou de Beatrice. Quando estava num parque, em uma de suas caminhadas solitárias, viu uma jovem que o interessou profundamente. Com ela, no entanto, diferentemente do que se espera nesses casos, não tentou nenhuma aproximação. Nunca trocaram uma só palavra. Mas do encontro com essa jovem Sin Clair despertou para seu mundo de imagens interior. Passou noites e noites desenhando sua amada, buscando a melhor expressão possível para ela, a quem chamou Beatrice. Viveu desde então com aquela imagem, como um ídolo erguido num altar, e dessa devoção reencontrou seu equilíbrio interior e consequentemente uma melhor adaptação às demandas sociais, sem com isso perder sua individualidade.

A jovem, a quem avistara no parque mais algumas vezes, desapareceu de pouco em pouco de sua memória, mas a imagem interior por ela inspirada foi ganhando novos contornos. Sin Clair nesse processo abre caminho para os símbolos do inconsciente que lhe chegavam pelos sonhos e pela fantasia. Ao final, a imagem

¹² JUNG, C.G. (1935) “Fundamentos da psicologia analítica” In: *A vida simbólica*. CW 18/1. Petrópolis: Vozes, 1997.

do feminino já transmutada se revelou o caminho para o reencontro com Max Demian e sua mãe desconhecida, Eva. Com esses dois, encontrou, depois de anos de solidão e angústia, algum senso de pertencimento e integridade.

Sin Clair ilustra, como um modelo exemplar, o processo que Jung identificou como compensação do inconsciente à unilateralidade consciente. Trata-se de um processo natural em que a psique tenta equilibrar as forças psíquicas no indivíduo e leva-lo a experimentar-se como totalidade. Viver esse processo conscientemente é nascer para “vida simbólica”. Os sonhos são decisivos nessa experiência:

A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É o que chamo função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica¹³.

O sonhos de Sin Clair com uma ave rapina que rompe o ovo e ganha o mundo e o do encontro tão aguardado no jardim de casa com uma figura feminina misteriosa foram decisivos para que o jovem chegasse ao seu objetivo. Foram imagens por ele posteriormente desenhadas e vividas intensamente como guias. Ilustram plasticamente o que Jung chamou de função complementar dos sonhos, base para a vida simbólica.

Por fim, é ainda o psiquiatra suíço quem explica a importância da vida simbólica, que une consciente e inconsciente, via para que o indivíduo encontre a si mesmo e o destino que lhe cabe:

Para o benefício do equilíbrio mental e mesmo da saúde fisiológica, o consciente e o inconsciente devem estar completamente interligados, a fim de que possam se mover em linhas paralelas. Se se separam um do outro ou “se dissociam”, ocorrem distúrbios psicológicos. Neste particular, os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e sua interpretação enriquece a pobreza de nossa consciência fazendo-a compreender, novamente, a esquecida linguagem dos instintos.¹⁴

Interligar consciente e inconsciente. Foi essa a tarefa realizada por Sin Clair com a ajuda de Max Demian e sua mãe Eva, o feminino desconhecido. Sin Clair

¹³ JUNG, C.G. (1961) “Chegando ao Inconsciente” In: *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: s/d. 8ª edição, p.49.

¹⁴ JUNG, C.G. (1961) “Chegando ao Inconsciente” In: *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: s/d. 8ª edição.

encontrou a via simbólica, e com isso, realizou o seu mais firme desejo: “Queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim...”

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra literária *Demian*, do escritor suíço Hermann Hesse, publicada em 1919. Nessa análise, se confirmou a hipótese de que em *Demian* a experiência do narrador Sin Clair, da sua infância à fase adulta, ilustrava, como um modelo exemplar, a chamada “vida simbólica”, experiência direta dos símbolos naturais originados no inconsciente a partir de técnicas psicológicas desenvolvidas pela Psicologia Analítica junguiana naquele mesmo período. *Demian* era assim, a partir dessa perspectiva, uma expressão literária que dava corpo para uma das formas contemporâneas de como o sagrado se faz sentir na modernidade, como experiência possível à subjetividade a partir de técnicas desenvolvidas pela ciência psicológica.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, por todo o apoio, e aos meus professores(as), que me auxiliam a entender o mundo por novas e mais completas perspectivas.

Referências

BARROSO, Ivo. *Prefácio* in HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Ed. USP, 1998.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1989.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

JUNG, C.G. (1935) “Fundamentos da psicologia analítica” In: *A vida simbólica*. CW 18/1. Petrópolis: Vozes, 1997.

JUNG, C.G. (1961) “Chegando ao Inconsciente” In: *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: s/d. 8ª edição.

KREIMENDAHL, Lothar. *Filósofos do século XVIII*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectivas, 2011.